



Ela aprendeu a perder

Dorina de Gouvêa Nowill acostumou-se com o abuso de diminutivos que grande parte das pessoas faz uso ao se dirigir a ela. E sempre achou tudo isso muito desagradável. Quando era presidente da União Mundial dos Cegos, ela viajava constantemente e, num dos voos, uma comissária insistia em oferecer um “chazinho”, um “cafezinho”, uma “bolachinha”. Qual foi a surpresa da moça quando a senhora que completará 90 anos no próximo dia 28 pediu um uísque – duplo.

Histórias verídicas de sofrimento e de uma cética superação a princípio, foram reunidas no livro “Recomeços” (Editoras Saraiva e Versar, 160 páginas, R\$ 29), organizado por Lina de Albuquerque.

A jornalista, que perdeu pai, mãe, seu único irmão e um amigo da família em um acidente de carro em 1996, afirma que o pouco que restou foram certezas, entre elas, a de que jamais encontraria explicação para a tragédia. Vinte e seis personagens famosos e anônimos concederam entrevistas a Lina, que transcreveu em primeira pessoa cada depoimento.